Sumário

Um ato em poesia 9
Luis Maffei

Entrada com música(de braço dado a Marielle)
MC Carol 13

1 desilusão
Rita Isadora Pessoa 17
Clarissa Macedo 19
Horácio Costa 20
Patricia Porto 21
Manoel Ricardo de Lima 22
Tarso de Melo 24
Dora Dacosta 26

2 horror
Carla Andrade 29
Zé Luiz Rinaldi 30
Rodrigo Garcia Lopes 31
Wanda Monteiro 33
Elves França 34
Haroldo Ceravolo Sereza 35
Carlos Orfeu 36
Dani Balbi 37

3 estupefação
Alice Ruiz S e Thiago Rodrigues 41
Wilson Alves-Bezerra 42
Adriane Garcia 44
Bruna Kalil Othero 45
Evando Nascimento 46
Luciany Aparecida 47
Ismar Tirelli Neto 48

oficina raquel

Leonardo Gandolfi 49
Paula Glenadel 50
Natasha Felix 51
Guilherme Gontijo Flores 52

4 EXASPERAÇÃO

Bruna Mitrano 55
Armando Freitas Filho 57
Ricardo Vieira Lima 58
Ana Chiara 60
Adalberto Müller 61
Camila Assad 63
Flavia Rocha 65
Marcelo Reis de Mello 66
Priscilla Campos 68
Márcia Wayna Kambeba 69
Renato Rezende 71
Talles Azigon 73

5 TRÂNSITO

Tatiana Pequeno 77
Júlio Machado 79
Mariano Marovatto 81
Nina Rizzi 82
Rafael Zacca 83
Masé Lemos 85
.rômulo-silva. 87
Annita Costa Malufe 88
Hélio de Assis 90

6 COMBATE

Maiara Gouveia 93
Claudio Daniel 94
Jussara Salazar 95
Leonardo Tonus 96
Helena Arruda 98

oficina raquel

7 escárnio

Paulo Franchetti 103
Luis Maffei 104
Marcia Tiburi 105

8 afago

Ana Kiffer 109
Sérgio Nazar David 111
Paloma Franca Amorim 112
Eliza Araújo 114
Marcos Siscar 116
Heleine Fernandes 117
Roberta Ferraz 119

9 futuro

Janice Caiafa 123
Ana Cristina Joaquim 124
Ronaldo Cagiano 126
Danielle Magalhães 128
Rafaela Figueiredo 130
Leila Danziger 131
Éle Semog 132
Beatriz Azevedo 133

Saída com música

Marcelo Sandmann 137

Poético-Política

139
Marcia Tiburi

Minibios

141

oficina raquel

Um ato em poesia

Poesia é ato, concreto como um afago, uma banda, um encontro, um gol. Sempre que alguém lê o que alguém escreveu, o texto, o poema, renasce, tragicamente, indicando que a condição humana é constante luta contra a morte, ou melhor, pela vida, o que pode incluir uma luta pelo direito à morte. Falo da condição humana e me lembro da ideia de *vita activa* que Hannah Arendt relaciona, de modo não distante do opositivo, da *vita contemplativa*. Citando esta pensadora nuclear do nosso século XX, queremos apenas indicar que a poesia é contemplação + ação, e pensamento que se sente e sentimento que atua.

Lutar pela vida, incluindo a luta por uma morte digna, é tarefa que não se faz sem a linguagem. E a linguagem, sem a poesia, se torna, não desastrada, mas des*artada*, desatada de liames complexos com a vida, a morte. E o tempo. E o tempo que se obriga a ver como história. Política, é claro. Nosso momento político nos convoca a gestos, talvez de resistência, mas, acima disso, de existência. Sente-se reivindicada nossa atenção, nosso corpo, torna-se premente criarmos lugares.

Neste livro encontra-se gente que escreve. É uma nossa condição. Humana. E essa condição é política, queiramos ou não. A política, nestes tempos (assombrados? Assassinos? Desonestos?) em que muito do que nos assola quer justamente dirimir a força da política através da encenação de uma não política que é, no fundo, a pior espécie de política, precisa ser refeita. Escrita, reescrita. Com mãos e vozes que intervenham, pensem e se deixem afetar, propondo possibilidades novas de comum. Este tempo o exige.

Vivemos, nós, gente da linguagem (e este nós é também você que nos lê agora), um desafio gigantesco: parte grossa de muitos dos poderes quer amputar também a própria linguagem, infertilizando nosso terreno partilhado a fim de esvaziar sentidos, fomentar indiferenciações, justificar indiferenças, fazer definhar o pensamento.

Mas, já que poesia é ato, é com a poesia que nos lançamos a este enfrentamento. A história, hoje, exige-nos dizer "presente!", e é assim que damos este coletivo passo, neste coro que atende a dissonâncias mas goza de uma solidez democrática e antifascista.

Brasil, RJ, Tijuca (palavra tupi para lameiro, água podre), verão, princípio de 2020

Luis Maffei

Marielle Franco

Vocês querem nos matar, nos controlar
Vocês não vão nos calar
Mesmo sangrando a gente vai tá lá
Pra marchar e gritar
Eu sou Marielle, Cláudia, eu sou Marisa
Eu sou a preta que podia ser sua filha
Solidariedade, mais empatia
O povo preto tá sangrando todo dia
Eu não aguento mais viver oprimida
Nesse país sem democracia
Eu tô me sentindo acorrentada, desmotivada
Eu também naquele carro fui executada
Eu tenho ódio, pavor, eu sinto medo
A escravidão não acabou, estão matando os negro
Estão cansado de ser esculachado, roubado
Oprimido, preso, forjado

Preto aqui não tem direitos, não tem direitos
Mulheres pretas aqui não têm direitos, não têm direitos

Temos que aguentar a dor
Sou obrigada a parir o filho do meu estuprador
O poder é opressor, manipulador
Eles batem até em professor
Nem sempre eu sou tão forte
Mas vou tá lá gritando contra a morte
Gritando contra o poder machista branco
Presente hoje e sempre, Marielle Franco

Preto aqui não tem direitos, não tem direitos
Mulheres pretas aqui não têm direitos, não têm direitos

MC Carol

oficina raquel

CARNE TRAVESTI

Da graça de doer e fazer amor
Corpos de nós fizeram um banquete
Saciaram com pudor e a porrete
Deixaram, sem sorrisos ou favor

Às vezes um estampido de terror
Soou estrangulado e vivo ainda
Cansado, pois, de todo dissabor
Tirando foi de si a parte finda

E o berro que se ouviu foi dessa gente:
Da carne quase morta fez soar
Pedido, que é demanda, ferozmente:

Que sobras já não bastem para amar
A quem paga o descarte do que sente:
Que parem, hoje, enfim, de nos matar.

Dani Balbi

oficina raquel

Agruras

Ah Deus, terra arrasada!
Adeus palmeiras da terra
Adeus araras e sabiás
Agro ogro grunhe

Alice Ruiz S e Thiago Rodrigues

oficina raquel

Isto

Pegue isto que digo
(eu sei, escapa),
pegue isto que dito
pela culatra,
pegue isto que, dito,
ainda grava
na pele que irrito,
isto que rasga
tudo quanto é inscrito
e quanto escapa,
pegue isto que cito
como uma marca
d'água no olho aflito,
que se desata
entre sangue e grito,
o que te vara
toda vez que insisto:
isto que mata.

Guilherme Gontijo Flores

oficina raquel

MEDO

que tenhamos medo
é o que querem!
o medo-soco,
levemente granulado,
o medo que paralisa em pleno almoço dominical.
o insidioso angioma adentrando as coxas,
a mancha escura do medo
que se faz náusea.
que tenhamos medo
é o que querem !
que tudo esqueçamos
quando, sem fôlego, engasgarmos
quando, sufocados, respirarmos
o medo, simplesmente.
eu tenho medo do escuro
os mendigos do meu bairro têm medo da fome
minha mãe tem medo de perder seus filhos.
minha mãe cujas mãos já não tranquilizam o medo
inscrito sob os pelos do seu cão.
o cachorro de minha mãe tem medo de outros cachorros
ele tem medo de fogos de artifício
dos barulho dos carros à noite.
os sacos de lixo que se espalham pelas calçadas
o amedrontam desde o seu abandono
num saco de lixo.
eu tenho medo do ódio
do gesto em riste de ódio
do gesto gratuito
que, dia após dia,
arbitrário,
num ângulo de noventa graus
me afronta
me confronta ao ódio
em minha fronte.
temo o ódio-palavra
que me reduz

condena
classifica
ao medo.
tenho medo do gesto-ódio
que recorta o mundo
em categorias que me desapropriam
do que sou
para me impor
o que não quero ser.
somos legião a ter medo
escritores vagabundos
negros sujos
mulheres vadias
bichas doentes
tementes de um deus eclipsado.
tememos o ódio esfregado
na cara de chico mendes.
que tenhamos medo
é o que querem !
o medo que assassinou marielle
que torturou herzog
o medo que enforcou frei tito
que apagou o livre traço
de wollinski
na bala
no pau-de-arara
na cadeira do dragão
no balé de pedregulho
na calda da verdade
que nenhuma verdade
há de calar.
mas se pelo medo podem matar uma,
duas,
três rosas,
jamais hão de deter a chegada da primavera,
de sua verdade de primavera
que já não tememos.

Leonardo Tonus

Poético-Política

A morte das democracias vem sendo anunciada há tempos, como um dia foi anunciada a morte de Deus e a morte da História, a morte da Arte e até a morte da Poesia. De fato, talvez possamos estar diante do fim teológico e histórico da democracia. Por outro lado, a democracia é apenas uma ideia e, como tal, é algo forte e frágil ao mesmo tempo, por assim dizer, algo mortal e imortal. E essa constatação quer dizer que a destruição dessa ideia, bem como sua realização, depende apenas das pessoas à medida que se organizam como instituições.

Nesse contexto, me parece essencial refletir hoje sobre o "desejo de democracia", mas sem esquecer de que democracia falamos.

A palavra democracia entrou em crise. Hoje não é fácil sustentá-la, como não foi fácil para os gregos que a inventaram, como não é fácil dar-lhe suporte diante dos maus usos que se fazem dela, das deturpações que ela sofre. Apesar de tudo, ela continua sendo o menos pior de todos os regimes de governo que fomos capazes de imaginar até agora.

A democracia que queremos é a democracia que tem, em seu coração, a poesia. A democracia radical, que sustenta a verdade dos fatos e a singularidade das vidas. Que respeita os seres que existem como seres de direitos, sejam humanos ou outros animais (porque precisamos resgatar a cada dia a nossa animalidade como nexo com a natureza), as culturas e a natureza na sua biodiversidade para além de todo especismo.

Queremos a democracia como lugar de existência, onde se possa viver, mais que sobreviver. Um lugar em que se possa partilhar e comemorar a vida justa, a vida que desejamos que seja bem vivida.

A poesia é a invenção da vida e, nesse momento, parte fundamental de nossa resistência contra o princípio de morte que tenta apagar o brilho de nosso país historiamente massacrado pela colonização das terras, dos corpos e da linguagem. A poesia é, diante do fascismo que nos devora, resistência e luz que se ascende nos escuros da alma e da história humana.

Paris, fevereiro de 2020

Marcia Tiburi